

**PERDENDO
PERNINHAS**

ÍNDIGO

PERDENDO PERNINHAS

Ilustrações
BRUNO NUNES



editora scipione



Para minhas amigas do canto da quadra:
Aba, Gro, Daniela, Thaísa, Ana Camila e Eliane.
E para as professoras Marlene e Edméa.



SUMÁRIO

Feliz de quem tem cem perninhas, **18**

O mapeamento de uma classe , **11**

O vazamento de um líquido marrom não identificado, **15**

Eu não disse? Eu disse. Bem que eu disse. Eu não disse?, **22**

A luz, **24**

A cruz de cada um, **27**

A maldição de Ovomaltine, **29**

O mapeamento da Doroteia, **32**

Hannah e todos os deuses disponíveis, **37**

Tripas escorridas, **43**

Sagrada alegria súbita, **49**

A verdadeira função dos cafezinhos, **52**

Fumaça verde, **55**

Parasitas sem propósito, **58**



Vick VapoRub, 61

O sermão da limusine branca, 66

Eu vou para o cemitério, mas a vida continua, 69

O grande encontro universal das religiões, 74

O casulo azul, 87

Camadas internas, 91

Peixes suicidas, 98

A invisibilidade natural das alunas do sexto ano, 101

Piratas e seus papagaios, 103

O fio de náilon, 106

Linha direta com Pitágoras e outros espíritos úteis, 110

A esfiha terapêutica, 114

O sopro divino, 118

Possibilidades de “De”, 122





FELIZ DE QUEM TEM CEM PERNINHAS

Não eram nem sete horas da manhã e eu já estava escondida atrás de uma banca de jornal, tentando dar um jeito no meu cabelo. Mirela, minha segunda melhor amiga, havia acabado de arrancar uma fivelinha vermelha em forma de coração e mandado que eu a escondesse no fundo da mochila. Disse que a fivela ia estragar tudo. Depois mandou que eu puxasse a camiseta do uniforme para fora da calça. Puxei a camiseta para fora.

— Cadê a Cíntia? — ela perguntou.

Cíntia era minha melhor amiga. Éramos três: Cíntia, Mirela e eu. Enquanto falava comigo, Mirela mexia no meu cabelo. Eu costumava prender parte da minha franja atrás da orelha direita. Sempre foi assim. Mas Mirela não queria que minha orelha servisse de anteparo para a minha franja e a puxou para a frente.

— Beeeeem melhor... — disse. — Então, cadê a Cíntia? Me mostra suas meias.

Eu não sabia da Cíntia. Ergui a calça. Meias brancas, lisas, normais. Nesse dia eu sabia pouca coisa. Sabia que em algum ponto de suas vidas as lagartas passam por uma metamorfose. Deixam de ter dezenas de perninhas, ganham duas asas coloridas e se transformam em lindas borboletas. O problema é que naquela manhã eu não queria ser linda e sair voando por aí. Eu trocava duas lindas asas coloridas por dezenas de perninhas. É mais seguro. Naquela manhã de segunda-feira, eu sentia que deixava de ter controle sobre a minha forma. Como uma lagarta que chega

ao ponto de metamorfose. Sabia que havia chegado o momento de me enfiar num casulo, me dissolver numa sopa de DNA e me reorganizar. Com a diferença de que, no meu caso, não havia casulo onde eu pudesse me enfiar. Nesse primeiro dia de sexto ano eu me sentia como uma sopa, e o futuro era incerto.

— Vamos esperar mais cinco minutos e daí entramos.

O portão da escola já estava aberto há um bom tempo. Alguns minutos antes, quando meu pai me deixou ali, ele perguntou se não íamos entrar. Mirela respondeu por mim e disse que sim, que já estávamos entrando. E meio que entramos. Mas assim que ele virou a esquina corremos para trás da banca de jornal, por causa da fivela que ia estragar tudo.

Em menos de cinco minutos eu estaria oficialmente no EF2 e isso muda tudo na vida de uma pessoa. Eu passaria a ter muitas professoras, uma para cada matéria, e nenhuma delas seria responsável pela nossa classe. Em menos de cinco minutos ninguém mais seria responsável por nós, pois em menos de cinco minutos nós seríamos responsáveis por nós mesmas. Nunca mais eu poderia acordar tarde e ligar a tevê. Agora, até o fim da minha vida, eu teria de acordar cedo, tomar banho, escovar os dentes e cumprir minhas obrigações, com o céu ainda escuro. Era preciso tomar muito cuidado porque dentro de quatro minutos todas as pessoas da escola seriam mais velhas do que eu. Crianças estudam à tarde. De manhã não havia criança na escola. As pessoas que estudavam de manhã eram livres. Elas viviam com seus pais, mas era diferente. Elas tinham opiniões próprias e faziam abaixo-assinados. Mais três minutos e eu estaria no meio delas. E esse seria apenas o primeiro de quatro anos de matérias difícilísimas, com provas de cinco páginas em que minha nota seria um número, não mais uma letra. E os números, ao contrário das letras, não têm fim.

— Mais dois minutos — disse Mirela.

Mais dois minutos e eu entraria na escola onde havia estudado durante minha vida inteira. O mesmo prédio, as mesmas classes, as

mesmas carteiras. Isso era o mais apavorante de tudo. Algo me dizia que, no instante em que atravessássemos aquele portão, teríamos uma surpresa. Um aluno do ensino médio atiraria Mirela e eu dentro do tanque de areia. Talvez eles jogassem futebol com alunas do nosso tamanho. Nós seríamos a bola.

— Pronto — disse Mirela. — Vamos entrar.





O MAPEAMENTO DE UMA CLASSE

No pátio, em um painel de avisos, descobrimos onde ficava nossa nova classe. Havia um aglomerado de alunos diante de uma parede que continha vários painéis, um para cada série. Você procurava no painel as opções de sexto ano. Eram quatro: sexto A, sexto B, sexto C e sexto D. Então você via em qual desses estava seu nome. Mirela e eu nos esprememos entre o aglomerado de ex-colegas. Todos misturados. Ex-colegas de verdade, do nosso finado quinto ano C, e colegas de outras turmas. Enquanto eu procurava meu nome, meti a mão nos bolsos e fiz figa para que Mirela e Cíntia estivessem na mesma opção de sexto que eu. De tanto em tanto, ouvíamos vivas de colegas que tinham caído juntos. Mas, quando Mirela constatou que o nosso trio não tinha sido desmembrado, ela não fez escândalo. Simplesmente virou-se para mim e informou:

— Sexto ano D, vamos lá.

Partimos como duas passageiras que acabam de conferir o número do voo num aeroporto internacional. Voar de avião era algo corriqueiro para nós. Antes de partir, procurei por Cíntia no aglomerado de alunos, mas nem sinal da minha amiga. Não podíamos esperar por ela, não no primeiro dia de aula. Não quando não fazíamos ideia de qual seria o procedimento com relação a retardatários de agora em diante. Uma coisa era ser um retardatário no quinto ano, mas no sexto eles não seriam tão tolerantes.



Na nova classe, Mirela e eu nos sentamos nas carteiras centrais da fileira do meio. Mal nos acomodamos e uma professora de óculos e avental hospitalar entrou na sala. Apontou um dedo para cima. O dedo fez um gancho, e esse gancho se enroscou numa argolinha acoplada à lousa. A professora desenrolou um mapa-múndi. Seu nome era Cerisa e ela ensinava geografia. Se fosse no quinto ano, ela ganharia o apelido de Professora Cereja. Mas agora Professora Cereja não tinha graça. Cerisa alisou os continentes. Com a manga da camisa limpou uma manchinha no sul da China. Ajeitou os óculos e respirou fundo. Virou-se para a classe e disse:

— Antes de dar início à matéria, eu gostaria de dizer algumas palavrinhas. É mais do que sabido que todo aluno do sexto ano sofre de falta de concentração. Faço questão de dizer isso logo no primeiro dia de aula porque vocês ainda estão imunes aos vícios que com certeza irão adquirir no caminho. Vou dar apenas um conselho: prestem atenção nas aulas. Acho que não é pedir muito, ou é?

Cerisa virou-se para a lousa e escreveu a palavra “concentração”.

— Aqui está o segredo para o sucesso de vocês. Concentração em sala de aula. Nada mais que isso.

Ajeitou os óculos. Ficou ali parada com a palavra “concentração” pairando sobre sua cabeça. Esperou alguns instantes para que seu conselho fosse assimilado pela classe. Era o mesmo conselho de sempre. A única diferença é que antes falavam em prestar atenção. Agora era outro nome. A maior diferença é que a pessoa concentrada se mexe pouco, enquanto a pessoa que apenas presta atenção pode continuar mexendo braços e pernas.